

NOTAS DE UMA PESQUISA: HISTORIADOR, GEÓGRAFO, INTELLECTUAL... CAPISTRANO DE ABREU FRENTE A PADRÕES DISCIPLINARES

Matheus Cavalcanti Rodrigues¹

Resumo: O objetivo do presente texto é apresentar algumas contribuições à minha pesquisa de mestrado intitulada "Historiador, geógrafo, intelectual: Capistrano de Abreu frente a padrões disciplinares", oriundas das discussões e leituras acontecidas durante os encontros com a prof. Wilma Peres Costa e colegas mestrandos. Tais encontros se deram no âmbito da disciplina eletiva "Interrogando fronteiras e explorando conexões. Percursos historiográficos e trajetórias de pesquisa", ministrada semanalmente, de setembro a dezembro de 2022.

Palavras-chave: Capistrano de Abreu; Historiografia brasileira; pesquisa de mestrado.

NOTES FROM A RESEARCH: HISTORIAN, GEOGRAPHER, INTELLECTUAL... CAPISTRANO DE ABREU BEFORE DISCIPLINARY PATTERNS

Abstract: The objective of this text is to present some contributions to my master's research, entitled "Historiador, geógrafo, intelectual: Capistrano de Abreu frente a padrões disciplinares", arising from discussions and readings that took place during meetings with prof. Wilma Peres Costa and fellow master's students. These meetings took place within the scope of the elective course "Interrogando fronteiras e explorando conexões. Percursos historiográficos e trajetórias de pesquisa", taught weekly, from September to December 2022.

Keywords: Capistrano de Abreu; Brazilian historiography; master's research.

O objetivo do presente texto é apresentar algumas contribuições à minha pesquisa de mestrado intitulada "Historiador, geógrafo, intelectual: Capistrano de Abreu frente a padrões disciplinares", oriundas das discussões e leituras acontecidas durante os encontros com a prof. Wilma Peres Costa e

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: matheuscavalcantiicm@hotmail.com.

colegas mestrandos. Tais encontros se deram no âmbito da disciplina eletiva “Interrogando fronteiras e explorando conexões. Percursos historiográficos e trajetórias de pesquisa”, ministrada semanalmente, de setembro a dezembro de 2022.

Contributo importante para minha pesquisa foi oriundo da leitura da introdução de *Greeks and barbarians*, livro do historiador grego Kostas Vlassopoulos. A maneira pela qual o autor organiza a obra está baseada em um artifício metodológico que penso em utilizar para justificar minha pretensão de estudar a memória construída sobre Capistrano de Abreu e sua relação com diferentes campos de conhecimento. Vlassopoulos concebe o seu objeto através de quatro vias heurísticas complementares. A história grega e os vários jeitos pelos quais os gregos se relacionaram com os não-gregos são, então, compreendidos pela articulação de quatro mundos: o mundo pan-helênico, o mundo das *apoikiai*, o mundo dos impérios e o mundo das redes. O autor explica que os quatro mundos coexistem e se conectam, são faces do mesmo prisma, mas cada um deles guarda sua própria malha de fenômenos e tem sua própria geografia. Em suma, são abstrações baseadas em evidências históricas e úteis para o observador que pretende sistematizar a complexidade de seu objeto. Quatro mundos idealizados para corroborar o estudo das muitas facetas dos encontros entre gregos e bárbaros.

De semelhante modo, pretendo investigar a memória sobre Capistrano de Abreu como esforço para descortinar algumas das faces que formam o prisma da complexidade da atuação desse intelectual. Me baseio na assertiva de que ele fora tomado sempre como historiador (AMED, 2006), o que fez com que seus méritos para com outros campos do conhecimento fossem marginalizados ou subsumidos ao seu pretenso caráter de historiador por excelência. Essa representação do Capistrano-historiador tem longa data, já que muitos de seus contemporâneos já o viam como tal. No entanto, após sua morte, em 1927, há um empreendimento que reúne intelectuais

admiradores de seu trabalho, que fundam a Sociedade Capistrano de Abreu e iniciam a canonização de seu “Mestre” como modelo de historiador para eles e as gerações de historiadores vindouras (SILVA, 2008). Daí por diante, amigos, discípulos, biógrafos e comentadores de Capistrano de Abreu enquadram a memória do morto sob o rótulo de historiador e fazem parecer que todos os seus estudos de outras disciplinas serviram para melhorar sua análise histórica. A história seria a disciplina que condensaria todas as outras pelas quais Capistrano se interessou. Todas elas aperfeiçoaram o Capistrano-historiador. Geografia, etnografia, etnologia, linguística, crítica literária, sociologia, psicologia, economia estão subsumidas à história nas representações elaboradas por alguns dos principais analistas da vida e obra de Capistrano de Abreu, dentre eles José Honório Rodrigues. No presente momento, estou lendo as dissertações e teses acadêmicas sobre Capistrano de Abreu, e parece-me que essa tendência se perpetua nesses trabalhos. Se essa hipótese estiver correta, significa que a circunscrição de Capistrano ao campo da história tornou-se unanimidade no âmbito universitário, como já o era antes dele.

Emulando e adaptando o recurso heurístico de Kostas Vlassopoulos descrito acima, pretendo investigar a possibilidade de pensar um Capistrano-geógrafo, que seria uma das faces do prisma interdisciplinar do qual Capistrano de Abreu se valeu para produzir sua obra. Os quatro mundos de Vlassopoulos espelham diferentes vertentes de um mesmo objeto, o mundo grego e seus encontros com povos espalhados pelo Mediterrâneo. Na pesquisa que empreendo, Capistrano de Abreu é espelhado pela vertente geográfica, admitindo-se que ela é uma dentre outras que apenas congregadas podem dar entrada à totalidade da obra capistraniana. Ao mesmo passo, tem-se que cada uma dessas vertentes possivelmente carrega suas marcas específicas e revela aspectos que poderiam ficar à margem da análise caso se pretendesse homogeneizar a atividade intelectual de

Capistrano sob um rótulo disciplinar. Capistrano nem sempre foi apresentado como historiador pelos seus contemporâneos. Como exemplo, em 1881 é definido pelo editor da *Revista Mensal da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil* como bibliógrafo e bibliófilo (SANTOS, 2010). De tal maneira, é razoável pensar que o Capistrano-historiador teria que ser somado aos Capistrano-geógrafo, Capistrano-etnógrafo, Capistrano-jornalista, Capistrano-professor, Capistrano-tradutor, Capistrano-pai, Capistrano-esposo, Capistrano-“Mestre”, para ter-se uma imagem precisa do Capistrano de Abreu histórico. Parece-me que muitos dos estudiosos de sua vida e obra já fizeram investidas profícuas nesse sentido. São frequentes as tentativas de relacionar sua produção intelectual com sua vida pessoal. Como exemplo, Sousa (2012) mostra que, após o falecimento de sua esposa Maria José de Castro Fonseca em 1891, Capistrano de Abreu passa a escrever e publicar menos textos ao menos até a metade da década. Na segunda metade da década, seus escritos passam a ganhar mais ritmo e suas publicações aumentam.

Reconhecendo a riqueza das pesquisas que se acumulam dentro e fora do âmbito universitário sobre Capistrano, percebo geralmente a intenção mais ou menos patente nessa bibliografia de evidenciar a sua carreira como historiador e fazer convergir para seu perfil de historiador todas ou quase todas as leituras, pesquisas, concepções teórico-metodológicas e trabalhos escritos de sua vida. Não é o caso de pôr em dúvida o Capistrano-historiador, já que por muitas vias a história como campo de ideias e métodos esteve presente e teve importante papel desde as primeiras influências intelectuais do jovem Capistrano no Ceará até seus feitos de pesquisador maduro. Se trata de identificar as estratégias de criação de uma memória sobre o autor em questão. Outrossim, apontar os porquês e os meios pelos quais elas amalgamaram a interdisciplinaridade presente em Capistrano de Abreu na alcunha de historiador ou, por vezes, de historiador moderno.

A leitura, durante a disciplina, de *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, livro de Michel de Certeau, foi iluminativa em alguns sentidos, dentre os quais quero enfatizar dois que tocam mais de perto meus objetivos na pesquisa de mestrado. Um deles concerne ao fato de que nenhum intelectual pensa seu objeto isolado de influências ou inspirações, o que não era de outro modo com Capistrano de Abreu. Suas ideias expostas e métodos de pesquisa empregados são, em alguma medida, resultado da leitura e adesão relativa de textos e proposições de autores estrangeiros. Dentre esses, se destacam na bibliografia capistraniana autores franceses, ingleses e, a partir da década de 1880, alemães. É preciso considerar, contudo, que tais leituras não significam a repetição direta de teoria e metodologia estrangeira nos pensamentos e trabalhos de Capistrano. O autor brasileiro imputou novos usos ao conteúdo do que ele leu em obras de referência escritas por Herbert Spencer, Auguste Comte, Hippolyte Taine, Leopold von Ranke, Friedrich Ratzel, Eduard Meyer, dentre muitos outros. Nesse sentido, as reflexões que Certeau faz acerca da atividade leitora importam muito, pois procura pistas que evidenciem o quanto o ato de ler é não apenas consumo de um código com semântica preestabelecida, mas produz em si algo de conformação própria. Em suas palavras, o ato do leitor “inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a ‘intenção’ deles” (CERTEAU, 1998, p. 264; 265). Será pretensão da pesquisa, baseada nessa premissa, acentuar como Capistrano de Abreu se muniu de leituras de autores proeminentes na Europa de sua época para criar uma interpretação singular para o Brasil-nação.

Outra provocação de Certeau que merece aqui destaque é sua fala sobre a prática desviacionista no terreno da produção científica e o uso do que ele chama de “sucata” por pesquisadores. Embora não me pareça que Capistrano possa ser tomado como pesquisador que operou um desvio da sua prática na acepção exata em que Certeau expõe a ideia no seu livro, é possível operar uma aproximação. Certeau se refere, no livro supracitado, aos

cientistas que, abdicando do lucro de seu trabalho consoante às exigências institucionais, “tiram alguma coisa à ordem do saber para ali gravar ‘sucessos’ artísticos e ali inserir os *graffiti* de suas dívidas de honra” (CERTEAU, 1998, p. 90). Entendo que ele quer dizer sobre pesquisadores que se voltam a modalidades de pesquisa não valoradas socialmente, sobretudo em nível institucional. Esse não seria o caso de Capistrano de Abreu em absoluto, já que os temas que ele estudou geralmente estavam acordes com o que se esperava de um intelectual brasileiro preocupado com o problema nacional. Grosso modo, eram temas da moda e que contavam com o incentivo institucional de mais alto grau no Brasil. Há, entretanto, argumentos para defender que a atenção que Capistrano de Abreu dá ao estudo de línguas e culturas indígenas, a partir da década de 1890, se configurou para ele e para seus contemporâneos como uma prática desviacionista em sentido próximo ao de Certeau.

Na década de 1890, Capistrano de Abreu já era um intelectual respeitado em âmbito nacional, e esperava-se dele a feitura de uma obra monumental, que deveria ser uma história geral do Brasil que abarcasse os quatro séculos da nação até aquele momento. Essa obra seria a consolidação de seu trabalho dedicado à busca por documentos históricos e marcaria um novo estágio de aperfeiçoamento da escrita da história nacional, superando seus antecessores como Francisco Adolfo de Varnhagen. Quando ele, a partir de 1892, decide estudar a língua do povo Bacaeri, estudo que consumiria seus esforços até 1895, e no começo do século seguinte passa a estudar a língua dos Caxinauá, empresa que levou a cabo em 1914 com a publicação de um livro, alguns de seus amigos e admiradores julgaram como desperdício tais aventuras (SOUSA, 2012). Capistrano ainda voltaria a estudar os Bacaeri, sua língua e representações culturais após a morte de seu filho Fernando em 1918, dessa vez não findando a empresa, que ficou incompleta com sua morte em 1927 (idem). Para os críticos, Capistrano estava abdicando da sua missão de escrita da história geral do Brasil e se ocupava com matérias

de somenos importância. Na percepção dos mesmos, as línguas, culturas e histórias de povos nativos não tinham nada que ver com a história nacional. Logo, seria um desvio imperdoável o que cometia Capistrano ao trocar a grande história pátria por investidas no campo da linguística, etnologia e psicologia desses povos marginais. Em outras palavras, não haveria nenhum tipo de lucro material ou simbólico nesse desvio.

Como explica Sousa (2012) em sua tese de doutorado, as décadas em que Capistrano engendra as pesquisas das línguas Bacaeri e Caxinauá são caracterizadas por uma depreciação da relevância do indígena para a identidade nacional. O indianismo romântico², que em meados do século XIX procurou retratar o nativo como a distinção do brasileiro em face a outros povos, era visto com ares de zombaria pelos literatos enveredados nos movimentos realista e naturalista na prosa, e parnasiano na poesia. A década de 1880 em diante vê o indígena cair em descaso não apenas nas obras literárias, como nas pesquisas documentais (SOUSA, 2012). Nessa conjuntura, parecia absurdo que Capistrano de Abreu, já relativamente famoso por seu cabedal intelectual, se interessasse por assuntos indígenas. Ademais, para além de pesquisar e escrever sobre povos nativos, Capistrano estabeleceu contato com uma rede de americanistas europeus que também sofriam pela falta de reconhecimento de seus trabalhos. Também para eles, como o alemão explorador do rio Xingu Karl von den Steinen, seu objeto de estudo era um labor socialmente inócuo. Fora pela interação por correspondência com Steinen que Capistrano iniciara a consagrar-se à gramática Bacaeri em 1892. Em suas missivas trocadas através de anos, os dois estudiosos citavam as dificuldades quase intransponíveis com que lidavam para perseverar no

² O indianismo romântico teve sua expressão não apenas na literatura mas também na história. Ademais, teve expressão institucional no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sobretudo com a criação da seção de Arqueologia e Etnografia (KODAMA, 2005). Essa ascensão institucional significou o aporte da Etnografia junto à História e à Geografia como campos do conhecimento cuja sinergia, se esperava, subsidiasse a construção da identidade nacional.

intento de registrar a existência de povos esquecidos no território brasileiro (AMED, 2006). Além dos desafios inerentes ao estudo, pesava a indiferença da comunidade letrada no Brasil e na Europa por esse tipo de pesquisa e temática, o que não facilitava a publicação de obras, já que indispunha as casas editoriais (idem). Dada a falta de demanda social por tais produtos, não poderia se esperar retorno financeiro deles. Vê-se, assim, que a escolha de Capistrano de Abreu por esse ramo de estudos atende aos critérios de prática desviacionista conforme Certeau³. A afirmação de Amed (2006, p. 155; 156) vai nessa direção:

O percurso rumo ao estudo da língua kaxinawá, o trabalho com os índios e a futura publicação do livro foram, de fato, produtos da dedicação de Capistrano, sem relacionamentos com instituições ou organizações governamentais.

Além da indiferença do mundo letrado e da ausência de lucratividade, havia o agravante para Capistrano de ele ser cobrado por desviar-se da tarefa de que ele estava incumbido por alguns de seus pares, escrever uma história do Brasil com metodologia moderna e abundância documental como nenhuma outra já havia sido escrita.

Ao optar por essa via de interpretação, reconheço que me deparo com afirmações opostas encontradas em trabalhos de mestrado e doutorado anteriores. Pelo menos três dos pesquisadores acadêmicos que, nos últimos vinte anos, tomaram Capistrano de Abreu por objeto entenderam que os estudos linguísticos deste último e a atenção que tributou aos povos nativos do Brasil se inserem no seu suposto projeto de história do Brasil (OLIVEIRA, 2006; GONTIJO, 2010; SOUSA, 2012). Nessa perspectiva, e diferente do que julgaram os contemporâneos a Capistrano, não haveria de todo um desvio temático

³ É preciso ponderar, além das dificuldades de pesquisa e desvalorização acadêmica enfrentadas pelos que se aventuravam a estudar povos indígenas no Brasil e na Europa no fim do séc. XIX, que havia algum interesse de centros de pesquisa e museus etnológicos europeus em financiar viagens exploratórias com vistas ao reconhecimento de comunidades nativas no Brasil (CHRISTINO, 2006). Portanto, mesmo com o mal-estar dos pesquisadores com a ausência relativa de interesse pelos seus trabalhos, eles também puderam gozar de financiamentos institucionais.

na carreira do autor. As incursões pela linguística e etnologia indígenas estariam vinculadas ao intento que moveu Capistrano desde sua juventude, a escrita da história pátria. Compreendendo os argumentos dos analistas anteriores, pretendo problematizar a questão. Levando em consideração que o próprio Capistrano separava os estudos históricos dos estudos sobre línguas e culturas indígenas, como fica demonstrado em algumas passagens de sua correspondência. Em carta de 1909, Capistrano escrevia a Guilherme Studart em um momento em que pretendia preparar a 2ª edição do *Capítulos de História Colonial* e, simultaneamente, trabalhava junto a nativos do povo caxinauá para conceber uma gramática de sua língua. O autor confessava a seu amigo uma pausa nos estudos relacionados à história pátria enquanto tratava de estudar a língua caxinauá:

Com este episódio linguístico desviei-me inteiramente da história pátria; não continuei a narrativa, como pretendia, nem mesmo comecei a revisão e redistribuição do já feito. Às vezes lastimo, às vezes dou por bem emprego do tempo. Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar, daria de mão às labutações históricas (ABREU, 1977, p. 182).

Esses foram os principais encaminhamentos para minha pesquisa oriundos das leituras e discussões na disciplina promovida pela prof. Wilma Peres Costa. Ainda outras haveria por citar, certamente, o que não é possível dentro do espaço definido para essas notas de pesquisa.

Referências

ABREU, Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*, vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1977.

AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque*. São Paulo: Alameda, 2006.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1969.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHRISTINO, Beatriz Protti. *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-~i em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929*. 2006. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu, viajante. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 15-36, 2010.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

KODAMA, Kaori. *Os filhos da brenhas e o Império do Brasil: A etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860)*. 2005. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. 2006. 178 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. As notas de rodapé de Capistrano de Abreu: as edições da coleção *Materiais e Achegas para a história e geografia do Brasil (1886-1887)*. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 015-052, jul./dez. 2010.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. *Les morts vont vite: a Sociedade Capistrano de Abreu e a construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969)*. 2008. 358 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. *Capistrano de Abreu: história pátria, cientificismo e cultura – a construção da história e do historiador*. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: s.n., 2012.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.